

Introdução

A proposta inicial deste estudo consiste em fazer um levantamento dos modos como o Brasil foi representado na literatura argentina e, através destas representações, delinear algo que poderíamos chamar de “a geografia imaginária do Brasil”. Trataremos, portanto, de ir à busca do mito do Brasil e da sua construção no olhar do Outro. Para tanto, devemos rastrear não só os romances argentinos, mas também as produções discursivas brasileiras que visaram construir e compreender a cultura nacional ou, como preferem alguns, a brasilidade.

Partindo do princípio de que a identidade cultural é criada — mas nem por isso é totalmente falsa ou ilusória, visto que possui alguns suportes tangíveis, entre os quais se destaca a complexa trama dos desejos humanos — vasculharemos as circunstâncias e procedimentos que propiciaram esta formação identitária.

Stuat Hall¹ defende o argumento de que as identidades culturais são um *sistema de representação cultural*, visto que não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*.

No caso brasileiro ou argentino, por exemplo, diríamos que só sabemos o que significa ser brasileiro ou argentino devido aos modos como a “brasilidade” e a “argentinidade” vieram a ser representadas pela cultura nacional de cada país como um conjunto de significados. Contudo essas significações poderão ultrapassar as fronteiras do país de origem e a recepção das mesmas permitirá a alteração da construção dos significados iniciais.

As pessoas não são somente cidadãos legais de uma nação, elas participam de uma *idéia* de nação tal como é representada em sua cultura nacional. Uma nação seria, portanto, uma comunidade simbólica e é isso que explica “seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade”².

¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 48.

² Schwars, B. “conservatism, nationalism and imperialism”. Apud. In: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 49.

Esta pesquisa pretende, portanto, lançar alguma luz nas relações culturais entre o Brasil e a Argentina, no que se refere ao trânsito e alteração da significação da “brasilidade” no país vizinho.

Decerto, vivemos ao lado de vários países hispano-americanos, entretanto esta proximidade não se converteu, em termos gerais, num ávido interesse e/ou admiração recíproca. De certo modo, pode ser que estejamos reproduzindo o modelo vigente de comportamento entre Portugal e Espanha que, como comentou o escritor José Saramago em uma série de palestras, vivem de costas um para o outro.

Temos visto ao longo de nossas histórias uma significativa frieza nas relações entre o Brasil e os países hispânicos e, em proporção inversa, nossos olhares, assim como os deles, se detendo nos modelos das potências econômicas da Europa e da América do Norte. Mesmo assim, os contatos e rivalidades fronteiriças tecem uma outra série de comentários, advindos de percepções alimentadas pelas diferenças admiradas ou rejeitadas de parte a parte.

Assim, não foi difícil buscar neste segmento da literatura hispano-americana que disputa uma certa primazia subcontinental conosco, fragmentos de interpretação de realidades brasileiras na composição de seus contos e romances. Mas os há em outros. Nas obras de autores consagrados como Gabriel García Márquez, Manuel Puig, Mario Vargas Llosa, Ricardo Piglia e Jorge Luis Borges pode-se observar a criação de um Brasil através do olhar hispano-americano. Ou seja, encontramos na criação literária destes autores um imaginário que nos dá forma e sentido.

Diferentemente de outros estudos, que tratam da relação entre países em desenvolvimento e países do chamado primeiro mundo ³, interessa-nos aqui a relação entre os que possuem condições socioeconômicas semelhantes e localizações contíguas.

Devido à predominância de narradores argentinos no tratamento do Brasil, escolhemos a Argentina como *este outro* que nos enxerga e nos descreve. Mas não só por isto: a Argentina e o Brasil são os países mais destacados do Mercosul devido ao peso de suas economias e, portanto, esta relação está também permeada

³ Estudos como os de Emilio García Riera. *México visto por el cine extranjero*, ou o trabalho de AMaNCIO Tunico,. *O Brasil dos gringos: imagens no cinema*.

por diferenças de poder; ambos os países se consideram “povos irmãos”, o que se por um lado implica um certo afeto, por outro não exclui as disputas e brigas que participam deste tipo de relação; o fluxo do turismo argentino ao Brasil é imenso, alcançando cifras de centenas de milhares de turistas que passam férias todos os anos no Brasil, o que faz do argentino médio, de certo modo, um conhecedor do Brasil ou, pelo menos, alguém que tem opiniões e que costuma falar sobre nós.

A partir dos estudos de intelectuais brasileiros, onde estes se propuseram a explicar a formação da identidade nacional em seu país, e também apoiando-nos em trabalhos de outros autores sobre a identidade cultural e imaginário, iremos comparar a imagem do Brasil vista e concebida por brasileiros com as representações literárias do país presentes na literatura argentina.

Contudo, necessitamos ressaltar que não pretendemos reproduzir modelos de análise sobre literatura e arte que se restringem a aplicar teorias e fórmulas a obras de criação. Os estudos teóricos nos servirão como pontos de referência em nossa incursão num tema tão impalpável como o do imaginário. A fria aplicação de teorias à criação artística poderia levar-nos a perigosas simplificações, aprisionando o que se institui ao superar determinações.

Considerando a separação entre as duas culturas, iremos tratar, por um lado, de verificar através de que lentes o Brasil e os brasileiros são percebidos pelos argentinos e, por outro, verificar quais seriam as características recorrentes na representação do país, a partir do literário. Sabemos que a simbiose entre o real e o imaginário se expressa com força no simbólico. Daí o esforço de rastreamento destes dizeres que não constam de documentos oficiais, dos protocolos assinados, nem mesmo dos depoimentos de pesquisadores contemporâneos, postos em evidência pela mídia de informação ágil.

Queremos saber, portanto, que papéis foram reservados aos brasileiros nessas literaturas e o que pode ter condicionado tais representações.

Interessa-nos a peculiaridade do olhar estrangeiro e vizinho. Interessa-nos seu espanto e o seu desejo diante de “nós outros”, o que dará forma e sentido à imagem do Brasil ao ser capturado pela sedução da diferença.